

Página Dupla | Amanda Ágata Contieri

AS MAIS TOCADAS

Da mãe dedicada até a mocinha que recebe conselhos para encontrar o marido ideal, as mulheres que aparecem nas letras de canções sertanejas inspiraram professora em sua dissertação de mestrado

Janete Trevisani
janete@rac.com.br

As mulheres costumam aparecer nas letras das canções sertanejas de forma muitas vezes estereotipada, como Amanda Ágata Contieri percebeu ao defender sua dissertação de mestrado na área de Linguística Aplicada pelo Instituto de Estudos da Linguagem da **Unicamp**, em 2010. Ela analisou as representações de identidades femininas construídas nas letras de um conjunto de músicas sertanejas de três períodos: música caipira/sertanejo de raiz, sertanejo romântico dos anos 90 e sertanejo universitário. Nesta entrevista, a



“O que chama a atenção é que as letras são machistas em sua maioria, mas porque a lógica em que elas circulam — a nossa sociedade — também é”

ÁGATA CONTIERI, PROFESSORA

professora de língua portuguesa e literatura faz algumas considerações sobre o que constatou em sua pesquisa.

Revista MetrÓpole — Foram 17 can-

ções escolhidas? Como foi feita a seleção?

Amanda Ágata Contieri — Primeiro, as canções deveriam, obviamente, pertencer ao que se conhece popularmente como música sertaneja, que dividi em três ciclos,

“Outras exigências recorrentes são o perfume e a pureza virginal, embora essa última já não seja tão patente nas canções do sertanejo universitário, que levam em conta as mudanças sociais nesse sentido, já se fala da mulher de forma mais liberal sexualmente falando”

de acordo com a cronologia: sertanejo de raiz, romântico dos anos 90 e universitário. Além disso, era necessário haver nelas representações de mulheres produzidas por homens e serem canções populares, conhecidas, significativas. É importante dizer que muitas canções preenchiam esses requisitos, a princípio eram cerca de 80, então precisei enxugar essa seleção em uma pré-análise, onde constatei quais dados eram potencialmente mais interessantes para uma pesquisa como esta. Assim, cheguei a um número de canções que se encaixava na pesquisa de uma dissertação de mestrado.

Qual foi o propósito de sua tese?

De maneira mais ampla, e mais pretensiosa, o propósito foi produzir um material que fornecesse subsídios para professores e outros pesquisadores com o intuito de se trabalhar canções sertanejas em sala de aula ou materiais didáticos através de um viés que levasse em conta identidades, cultura e criticidade. Afinal, o sertanejo é um gênero musical muito expressivo em nosso País e há um receio de se trabalhar com ele na escola, às vezes por preconceito, por não ser considerado um gênero erudito. Pensando nos objetivos mais específicos, procurei analisar representações de mulheres em canções desse gênero e perceber suas mudanças através do tempo.

Como a mulher brasileira é mostrada nessas canções?

É importante dizer que existe uma multiplicidade de representações, sendo assim é difícil condensar tudo em uma resposta geral. Temos desde a mãezinha dedicada até a mulher que tem o corpo extremamente sexualizado, a mocinha que recebe conselhos para encontrar um marido e aquela que tem jeito de cowgirl. O que chama a atenção é que as letras são machistas em sua maioria, mas porque a lógica em que elas circulam — a nossa sociedade — também é. Caso contrário, elas seriam incoerentes, as narrativas que muitas vezes apresentam seriam inverossímeis e elas não venderiam, não fariam sucesso. Além disso, alguns discursos preocupantes ficam escondidos, são sutis nas letras de canções. Eles acabam sendo ouvidos e reproduzidos repetidamente, aceitos, naturalizados.

A música sertaneja é ouvida por uma significativa parcela das famílias brasileiras. A seu ver as mulheres aceitam ser tra-

çadas sociais nesse sentido, já se fala da mulher de forma mais liberal sexualmente falando.

tadas da forma como as músicas as apresentam?

Não necessariamente. Sobretudo na contemporaneidade, momento em que, felizmente, os movimentos pelos direitos da mulher e o empoderamento feminino estão tão em evidência. A grande questão é que alguns discursos são tão naturalizados e enraizados que são aceitos como verdades absolutas, inclusive por mulheres, que acabam assumindo os papéis sociais que são convidadas — e muitas vezes obrigadas — a assumir por meio deles (os discursos). Por isso essa análise crítica é tão importante, sobretudo no meio educacional, uma vez que se dá às meninas possibilidades de reflexão e escolha sobre quem querem ser, o que querem fazer e o papel que assumirão. Lembrando ainda que a música é apenas um dos artefatos culturais em que esses discursos circulam.

Alguma letra a deixou intrigada ou perplexa?

As canções mais preocupantes são aquelas que incluem representações de violência física contra mulheres. *Cabocla Tereza*, um clássico da música sertaneja, relata o assassinato de uma mulher. *Pagode em Brasília*, uma moda de viola muito conhecida, apresenta construções como ‘passo o couro’ ou ‘dou de laço dobrado’ para se referir às ações tomadas em relação a mulheres que se apresentam como problemas para o enunciator. *Bruto, Rústico e Sistemático*, uma canção de 2009, apresenta uma situação em que o homem tranca a mulher em casa por quinze dias porque ela o desagradou.

A mulher meiga e carinhosa aparece muito?

Sim. Há um capítulo da dissertação que trata justamente das características das mulheres idealizadas pelo homem. O questionamento é: qual seria a mulher ideal? Em uma das canções, inclusive, esse é o pré-requisito principal do eu-lírico para se relacionar a uma mulher. A voz passiva ou representações nominalizadas — sem verbos, portanto sem ação — são indícios dessa meiguice ou até passividade. Outras exigências recorrentes são o perfume e a pureza virginal, embora essa última já não seja tão patente nas canções do sertanejo universitário, que levam em conta as mu-

E a mulher com predicados de boa mãe?

A dissertação tem um capítulo falando apenas sobre a imagem das mães. É interessante perceber que nas canções mais antigas a imagem da mãe aparece mais, sempre sendo homenageada e muito respeitada. Trata-se sempre de uma mulher passiva e bondosa, pura, uma santa, que faz tudo pelo filho e sofre em sua ausência. A canção *Fogão de Lenha*, por exemplo, faz uma homenagem à uma mãe e tem como título um utensílio doméstico. Em seu refrão, o locutor utiliza vários imperativos para dizer a mãe o que fazer, uma vez que ele está voltando para casa. Já no sertanejo universitário, as mães aparecem menos. Minha hipótese é que essas canções circulam em festas, baladas e talvez não seja o ambiente mais propício para se fazer uma homenagem às mães. Em uma das canções, *Mamãe Falou*, ela inclusive é usada como forma de conquista: a interlocutora seria a nora que a mãe deseja, por não ser uma mulher que cede facilmente às investidas do homem, assunto diverso, mas que também é problematizado.

Depois dessa pesquisa, surgiu um grupo de mulheres cantando a sofrência, como Marília Mendonça, por exemplo. O viés muda ou ainda não teve curiosidade ou tempo para avaliar?

Como minha pesquisa veio um pouco antes da explosão desse movimento, não o analisei academicamente, embora tenha escutado e refletido sobre algumas canções. O próprio fato de se dar voz a mulheres como compositoras e cantoras é inovador em um meio tradicionalmente ocupado por homens, como é o caso do sertanejo. Percebo que algumas canções trazem aspectos muito parecidos com os antigos — o famoso sofrer por amor —, mas também há novidades. A canção *Loka*, interpretada por Simone e Simaria em parceria com a Anitta, por exemplo, traz um discurso novo. Diz assim: ‘Cadê você, onde se escondeu?/ Porque sofre se ele não te mereceu/ Insiste em ficar em cima desse muro/ Espera a mudança em quem não tem futuro/ Deixa esse cara de lado/ Você apenas escolheu o cara errado(...)/ Do que adianta chorar pelo leite derramado?’